



## RASTROS AUTOBIOGRÁFICOS NA POESIA DE FERNANDA YOUNG\*

Rhusily Reges da Silva Lira

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

### RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar os rastros autobiográficos presentes na poesia da escritora-poeta brasileira Fernanda Young. Além disso, tivemos como *corpus* desse texto o livro de poemas *Dores do amor romântico* (2005) e o livro *Pós-F: para além do masculino e do feminino* (2019) um ensaio autobiográfico. Para tanto, foi utilizado o livro de ensaio para que fosse evidenciado a autobiografia presente no projeto literário de Young e, assim, compreendermos como foi que se deu a relação do “eu” ficcional com o “eu” da enunciação. Nos apoiamos no pensamento de Arfuch (2010); Foucault (1992); Butler (2017) no que diz respeito à autobiografia e escrita de si; Cecília Salles (1998, 2015) para entender sobre o processo de criação; Schollhammer (2009) no que diz respeito à literatura brasileira contemporânea. Assim, com o presente trabalho foi descoberto que pode ser relacionado alguns rastros da vida da poeta Fernanda Young com o seu projeto poético-literário.

**Palavras-chave:** Autobiografia; Projeto Literário; Fernanda Young.

### ABSTRACT

This work aimed to investigate the autobiographical traces present in the poetry of the Brazilian writer-poet Fernanda Young. In addition, we had as a corpus of this text the book of poems *Dores do amor romântico* (2005) and the book *Pós-F: para além do masculino e do feminino* (2019), an autobiographical essay. For this purpose, the essay book was used to highlight the autobiography present in Young's literary project and, thus, understand how the relation between the fictional “I” and the enunciation “I” took place. We rely on the thinking of Arfuch (2010); Foucault (1992); Butler (2017) regarding the autobiography and self-writing; Cecília Salles (1998, 2015) to understand about the creation process; Schollhammer (2009) with regard to contemporary Brazilian literature. Thus, with the present work it was discovered that some traces of the life of the poet Fernanda Young can be related to her poetic-literary project.

**Keywords:** Autobiography; Literary Project; Fernanda Young.

**Rhusily Reges da Silva Lira** é mestranda no programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí da UFPI.

E-mail: rhusily19@gmail.com

---

\* Dedico este texto à memória da Fernanda Young e aos seus familiares e leitores.



## INTRODUÇÃO

As produções literárias contemporâneas têm como característica a memória como mecanismo de revisitação ao passado com o intuito de se projetar ao futuro. Além disso, essa rememoração pode estar atrelada à historicidade social ou à vida íntima do autor. Assim, como afirma Erik Schollhammer:

Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente que se afastam de sua lógica. [...] Uma das sugestões dessa exposição é a de que exista uma demanda de realismo na literatura brasileira hoje que deve ser entendida a partir de uma consciência dessa dificuldade. Essa demanda não se expressa apenas no retorno às formas do realismo já conhecidas, mas é perceptível na maneira de lidar com a memória histórica e a realidade pessoal e coletiva. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 10-11)

Dentro dessa literatura há duas caracterizações para as suas produções: *realismo* – representação da vida tal como ela é; e a *introspecção* – a vida íntima do sujeito que vive nesse tempo. Podemos entender esse realismo como uma tendência que perpassa algumas estéticas literárias e que ao mesmo pode ser compreendido como o compromisso que o autor possui com o seu tempo, pois o projeto literário dos escritores contemporâneos está ancorado na necessidade de representar a sociedade brasileira do seu tempo.

Além disso, há outra caracterização das produções contemporâneas que é introspecção que possui o viés autobiográfico e a revisitação histórica ou memorialística – que é o foco desse texto. Vemos nas palavras de Schollhammer:

Sem dúvida, identifica-se a vertente autobiográfica e memorialista também na literatura contemporânea, agora não mais enquanto decisão existencial diante de opções de vida sob o regime autoritário, mas

na procura por modos de existência numa democracia economicamente globalizada mais estável, porém ainda incapaz de criar soluções para seus grandes problemas sociais. (2009, p. 25)

A introspecção está centrada no comportamento íntimo do sujeito em relação aos problemas sociais e existenciais, além de “evocar e lidar com a presença torna-se sinônimo de consciência subjetivo e de uma aproximação literária ao mais cotidiano e banal, o estofamento material da vida ordinária em seus detalhes íntimos”. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 15).

Além disso, essa literatura de caráter introspectivo temos a “literatura do eu” que se caracteriza por uma produção íntima que tem como foco o sujeito da enunciação e pode ser compreendida como uma continuação da literatura intimista ou Geração de pós 45 do Modernismo Brasileiro nomes como: Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Guimarães Rosa, Carlos Heitor Cony, Lúcio Cardoso. Nesse sentido Schollhammer afirma:

[...] a literatura do eu é composta por uma grande parte dos poetas da época, a chamada “Geração Mimeógrafo” (Chacal, Cacaso, Chico Alvim, Paulo Leminski e Ana Cristina César), mas também é a continuidade de uma prosa mais existencial e intimista, representada pela Clarice Lispector de *A paixão segundo G.H* de 1964, ao *Água viva*, de 1973. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 26 grifo nosso).

Nesse sentido, observamos que a introspecção está baseada na relação entre o sujeito e o mundo – como que esse “eu” se coloca dentro dessa dimensão social do mundo, além da rememoração dos acontecimentos vividos e das relações sociais e familiares e, dessa maneira, expõe a intimidade – memorialística nas produções literárias. Desse modo, como os poetas da Geração mimeógrafo são continuadores da prosa intimista de Clarice Lispector – a poeta Fernanda Young dá



continuidade à estética íntima e existencial de Ana Cristina Cesar.

Dessa maneira, a poesia contemporânea tem como característica a presença marcante do sujeito contemporâneo – que é aquele que está presente nas redes sociais, ministram palestras com muita frequência, ou seja, na contemporaneidade há uma aproximação entre o público e o escritor. Nesse sentido, a poesia brasileira se caracteriza, segundo Ítalo Moriconi, como:

[...] O sujeito poético é uma projeção desse novo tipo de indivíduo, dessa nova definição da intimidade, enquanto algo já não simplesmente privado. Tal é a condição da marca autoral na poesia pós-modernista e *contemporânea*. Marcas de gênero: a questão das mulheres, da poesia feminina por oposição à dominante masculina de todo o sempre. O sujeito humano é mulher. O sujeito é mulher? [...] Marca pessoal: a auto-referência burlesca, o dar-se em espetáculo, revelando a intimidade como ato de obscenidade poética. (2004, p. 12)

Dessa maneira, observamos esse comportamento do escritor - poeta possibilita que a sua vida se transforme em matéria temática de sua produção poética. Como afirma Marcos Siscar “O tema do “cotidiano” aparece aí como traço da poesia contemporânea, discurso sem efeito dentro de um quadro cultural muito mais complexo” (2010, p. 1864). Sendo assim, a poesia brasileira contemporânea contém como traço temático a autobiografia, o cotidiano, a vida. Entretanto, há uma linha tênue entre a vida e a ficção. Nesse sentido, questionamos sobre como realizamos a distinção do “eu” ficcional na poesia de Young? Utilizamos o pensamento de Leonor Arfuch para fundamentar essa questão:

[...] Mas como saber que “eu” é quem diz “eu”? [...] Como delimitar, num relato “retrospectivo”, centrado na própria história, essa disjunção constitutiva que uma vida

supõe? Qual seria o momento de captura da “identidade”? (ARFUCH, 2010, p. 52-53)

Sendo assim, a partir desses questionamentos o presente texto tem como objetivo investigar os rastros-traços de autobiografia presente no projeto poético – literária da poeta brasileira Fernanda Young. Utilizamos como *corpus* o livro de poemas intitulado *As dores do amor romântico* (2005) e o livro *Pós – F: para além do masculino e do feminino* (2019) que é uma espécie de “autobiografia” disfarçada. Assim, esses dois livros nos guiarão ao projeto literário de Fernanda Young.

## FERNANDA YOUNG: A MULHER, A POETA, A FEMINISTA

*O problema é que quero muitas coisas simples, então pareço exigente.*

Fernanda Maria Young de Carvalho Machado é uma escritora, poeta, roteirista, apresentadora brasileira. Estreou na literatura com *Vergonha dos pés* (1996), escreveu roteiro para televisão e o mais conhecido é a série *Os normais* (2001-2003) Publicou dois livros de poesia em que o primeiro é intitulado *Dores do amor romântico* (2005) – objeto de estudo desse texto. Faleceu em 2020 vítima de um problema de asma, mas deixou um projeto literário sofisticado e extenso.

Percorrendo o projeto literário, entrevistas, posicionamentos em redes sociais observamos que há presença da vida da Fernanda em suas produções literárias, o que nos induz a questionar os limites da ficção e sua relação com a vida. Assim, Fernanda nos esclarece essa questão no prefácio do livro *Pós-F: para além do masculino e do feminino*, vejamos:

O que tenho tentado fazer é vasculhar internamente meus ânimos; encarar, com medo, mas obstinadamente, os corredores



mais escuros da minha alma, criando um diagrama, sempre inexato e anárquico, de todos os acontecimentos que vivi, para oferecer essas experiências e conclusões em forma de arte. [...] Em minha arte, parece que devo anexar uma bula, uma espécie de pedido de desculpas, somente pela coragem de ser essa que faz o que quer, da maneira que quer, e paga um preço altíssimo por não se dobrar. (YOUNG, 2019, p. 23)

Observamos esse trecho e vemos que há uma parte da vida/ vivência da escritora em suas produções literárias, assim podemos pensar no projeto literário de Young como um sistema aberto que é influenciado pela vida e ao mesmo tempo influencia a vida da autora numa simbiose. Nesse sentido nos apoiamos o que diz Cecília Salles:

[...] observamos a impossibilidade de se estabelecer uma separação entre o artista e seu projeto poético e a necessidade de se observar os processos de criação como espaço de constituição da subjetividade. [...] É uma autoria distinguível, porém, não separável dos diálogos com o outro; não se trata de uma autoria fechada em um sujeito, mas não deixa de haver espaço de distinção (SALLES, 2015, p. 152).

Dessa maneira, vemos que as produções de Young estão enraizadas em si mesma e num movimento vai se criando e recriando por meio de sua arte, como diz Schollhammer (2009, p. 106) “Há um aspecto confessional no relato, assumindo a vergonha de certas reações próprias diante do problema.” Assim, vemos o seguinte poema:

São Paulo, 25/02/03

Eu, Fernanda Maria Young de Carvalho Machado – RG: 08176991 – declaro ter sofrido de asma na infância, com algumas crises respiratórias quase severas, tendo cuidado desse mal com natação e homeopatia. Tenho na memória o registro de que, a partir dos meus 14 anos, a asma

rareou, até que na idade adulta tornou-se quase imperceptível.

Esclareço

para devidos fins, que não necessito mais de cuidados médicos referentes a esse problema em específico.

Espero, portanto, ter o meu seguro saúde sem precisar, de novo, passar por essa situação. Mas caso haja, ainda, alguma dúvida, predisponho-me a uma avaliação médica pormenorizada. O que seria constrangedor para todos. Pois, acredito que a palavra, principalmente a escrita, deva bastar. Muito obrigada. Fernanda Young. (YOUNG, 2005)

Vemos nesse poema que o conteúdo é de cunho íntimo e pessoal, uma vez que vai se desnudando por meio do poema desde seu nome completo, RG e particularidades tais como a doença de asma o que nos possibilita relacionar com a causa de sua morte. Há um limite tênue entre a vida e a ficção, além disso, o relato pessoal ou relato de si estabelece-se por meio de um compromisso ético entre o “eu” e o interlocutor. Como afirma Judith Butler:

Eu sempre recupero, reconstruo e encarrego-me de ficcionalizar e fabular origens que não posso conhecer. Na construção da história, crio-me em novas formas, instituindo um “eu” narrativo que se sobrepõe ao “eu” cuja vida passada procuro contar. O “eu” narrativo contribui efetivamente com a história toda vez que tenta falar, pois o “eu” aparece de novo como perspectiva narrativa, e essa contribuição não pode ser totalmente narrada no momento em que fornece a âncora de perspectiva para a narração em questão. O relato que faço de mim mesma é parcial, assombrado por algo para o qual não posso conceber uma história definitiva. Não posso explicar exatamente por que surgi dessa maneira, meus esforços de reconstrução narrativa são sempre submetidos à revisão. Há algo em mim e de mim do qual não posso dar um relato (BUTLER, 2017, p. 55).

As questões levantadas anteriormente são respondidas com o pensamento de Butler, pois



embora o narrar a si mesmo possua um compromisso com a verdade, há sempre uma “revisão” que pode ser de ordem moral ou psíquica que nos impede e isso não significa que o relato perca a sua veracidade. Por isso, surge à escrita de si como forma de escrever a verdade sem passar pelo mecanismo da “revisão”.

Dessa maneira, o relatar a si pode ser entendido como um processo de desnudamento de si para o outro, vemos isso no poema “São Paulo, 25/02/03” que é uma data e configura verdade, além de expor o documento, o nome completo e suas fraquezas – problemas de asma, é um processo íntimo.

Um bom poema não pode ser escrito  
em lençóis tão sujos.  
O verso está preso entre as minhas  
pernas.  
Algo que não deveria ser descrito,  
mas se não, me mato.  
Raspo a cabeça,  
me tatuo,  
bebo tudo,  
fumo mil cigarros.  
É por isso que preciso do verbo,  
da palavra impressa.  
Para rasgar o véu que deixa o mundo  
turvo.  
Perdoar aqueles que, acredito, me  
feriram.  
Essa dor na gengiva, meu bruxismo,  
a disritmia, a dislexia, a asma,  
a dermatite e a rinite. A minha raiva...  
Caso consiga um bom poema, talvez  
eu não me acabe um desses domingos  
escrotos,  
com o mesmo ódio de ser assim:  
Fernanda.  
Má. Feia. Egoísta. Ladra. Invejosa.  
Definitivamente desnecessária.  
Então melhor  
morta.  
Até de novo acumular resíduos,  
mágoas disfarçadas,  
medos do abandono que aconteceu

e ainda assombra.

Aí de novo:

Poema-genérico.

Poema-plágio-de-mim-mesma.

Poema-uísque-falsificado.

E de vez em quando...

Um verso perfeito

para alguém que

nem se importa.

(YOUNG, 2005)

Assim, por meio da leitura do poema podemos visualizar que se trata de um eu lírico que está brigando consigo mesma para escrever, pois precisa escrever, mas não gosta muito de seu poema posto nos versos “aí de novo/poema-genérico/poema-plágio-de-mim-mesma” como se os poemas desse eu lírico girasse me torno de si.

Além disso, podemos ver no poema presença de elementos que foram ficcionalizados tais como: “Raspo a cabeça/me tatuo/bebo tudo. [...] com o mesmo ódio de ser assim: Fernanda.” Esses elementos são indícios de uma poesia autobiográfica, visto que há essas referências em outros livros, vemos:

Raspei a cabeça durante onze anos, por pura punição. Eu não admitia o feminino. Não queria parecer delicada diante do mundo, porque achava que o mundo ia me machucar. [...] De fato, analisando minha vida, desde pequena, nunca tive a consciência de minha beleza ou de “ser bela”. Nunca fui bonita para a minha família – que é uma família de pessoas muito bonitas. (YOUNG, 2019, p. 40)

Dessa maneira, percorrendo os rastros do projeto literário da Fernanda vemos que o relato de si é uma das principais características. As obras estão em constante transformação um movimento entre a vida e a ficção, assim afirma Salles (1998, p. 19) “os vestígios deixados por artistas oferecem meios para captar fragmentos do funcionamento o pensamento criativo”. Na



mesma linha de tentar entender o que até que ponto é ficção Schollhammer escreve:

[...] É uma ficção? Sim e não, é uma ficção que se apropria da experiência de vida, uma escrita que utiliza a ficção para penetrar no que aconteceu numa história que se constrói enquanto relato motivado pelo desafio de vida que essa experiência impõe. Nesse sentido, há uma dimensão ética na proposta de escrita, uma encenação do “eu” diante dessa realidade. (2009, p. 105-106).

Desse modo, na produção literária de Fernanda Young vemos que alguns episódios de sua vida estão/foram ficcionalizados e, assim, se tornaram arte. Essa é uma característica da poesia brasileira contemporânea – a introspecção/a autobiografia.

Não vou aguentar. Não, não vou aguentar mais. Essa vontade de despir-me inteira e mostrar aquilo que fará de mim apedrejável. Então vou. Vou. Terei de aguentar. Sofrer quietinha. Sofrer quietinha. Deixar para lá essa ideia de que o amor é o meu ofício. De que o meu verso é imprescindível e que somente os homens podem amar assim, tantas vezes, e sem pudores. Sim. Isso. Somente os homens são poetas. Livres. Metafísicos. Sem compromissos. Eu sou mulher. Punida sempre. Vagabunda. Indecente. Vou. Vou aguentar. Pois o que pulsa é a língua portuguesa. Não a carne vermelha - também língua – que guardo entre as pernas. Nem essa, mais molhada, dentro da boca. Não. A maldição veio com os grandes navegadores: carrapatos, impetigos, escorbutos e piolhos. Saudades. Paixão. Saliva. Poesia. A culpa não é sua, nem minha. Mas serei eu a que irá arder nas chamas, porque bruxos não existem. O que há no mundo das paixões e erros são putas. Putas. Putas. Putas. Sou uma puta.

Serei eu quem morrerá primeiro.  
(YOUNG 2005)

Observamos que o eu lírico está num impasse para escrever sua literatura, pois o discurso de que os homens que são os donos da palavra, da literatura, da ciência, ainda persistem no imaginário social, posto no verso “Somente os homens são poetas”. Porém, o desejo, a necessidade de escrever é bem maior do que a vontade de seguir essa linhagem social, visto em “Pois o que pulsa é a língua portuguesa. Não a carne vermelha – também língua – que guardo entre as pernas. Nem essa, mais molhada, dentro da boca.” O que nos mostra que é o desejo de escrever, de pensar, de pôr em evidência o intelecto e não ser rotulada somente a sexo. Além disso, o eu lírico assume a “culpa” por ir de encontro à norma estabelecida de que às letras pertencem aos homens posto no verso “mas serei eu a que irá arder nas chamas/ o que há no mundo das paixões e erros são putas/Serei eu quem morrerá primeiro.” Assim, Young escreve:

Afinal, falo como entendo ser uma mulher, no mundo atual, vivendo como uma, que não faz parte de nenhuma maioria, mas que vai com integridade e vigor nesse caminho contrário ao da fogueira. Sinto o cheiro do fogo, já estive perto dele muitas vezes, somente por ter sonhado e insistido. E, pasmem, ter dado certo. (YOUNG, 2019, p. 24)

Desse modo, tanto no poema quanto no trecho do ensaio autobiográfico – *Pós F* que vemos à alusão a um período de nossa história em que as mulheres que tinham comportamentos que fossem distantes do que era padrão. Fernanda Young foi uma mulher com comportamentos, posicionamentos e opiniões que sempre impactaram as pessoas e, por isso, ela afirma que “sinto o cheiro do fogo, já estive perto dele muitas vezes, somente por ter sonhado e insistido”. Conforme Arfuch:

A esse respeito, cabe assinalar a lucidez com que adverte essa unificação imaginária da



multiplicidade vivencial que o *eu* opera como um momento de detenção, um efeito de (auto) reconhecimento, de “permanência da consciência”, assim como o caráter essencialmente narrativo e até *testemunhal* da identidade, “visão de si” que só o sujeito pode dar sobre si mesmo – independentemente de sua “verdade” referencial (ARFUCH, 2010, p. 124).

O eu poético se confunde com o eu da enunciação do ensaio autobiográfico, entretanto, ambos funcionam como identidade da escritora Fernanda Young, uma vez que, o projeto literário está em consonância com alguns episódios de sua vida, não há distanciamento entre a vida e a obra de Young.

[...] E quando você veio, eu estava de verde-clarinho  
e você disse alguma coisa sobre você e eu te contei  
naquele dia mesmo – sem palavras – sobre o que eu  
escrevo agora: aquela impressão de estar caindo e  
depois subindo e às vezes sentada quando eu deveria estar em pé  
antes que um ônibus jogasse o meu corpo para o alto. Você gostou de mim. Mas não tanto. Não o suficiente para perder a sua juventude estúpida – toda juventude a é – com uma menina de 16 anos de olhos tão tristes. Você não me amava tanto para me proteger de mim e dos que queria pegar na minha cintura, nas minhas mãos e nos meus seios. Você não me amava. Mas nem tenha culpa porque eu também não. Nem a mim, nem a ti. Eu era tão nova e, se lembra?, meio bochechuda.  
Nunca sabia onde dormir. Agora durmo ao seu lado.  
Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo. E gosto de mim.  
(YOUNG 2005)

Esse poema tem como dedicatória *Para A.M* - pelo teor do poema podemos que seja para seu esposo Alexandre Machado. Vemos que o eu lírico descreve o que sentiu e como foi

que aconteceu o dia em que se conheceram. De forma intensa ela se despiu para ele posto no verso “eu te contei naquele dia mesmo – sem palavras – sobre o que eu escrevo agora” Vemos que a descrição íntima do eu que não estava bem consigo mesmo, assim, Foucault escreve “Retirar-se para o interior de si próprio, alcançar-se a si próprio, viver consigo próprio, bastar-se a si próprio, tirar o proveito e desfrutar de si próprio”. (1992, p. 132). Sendo assim, a descrição de si implica num interlocutor que, nesse caso específico é o destinatário do poema – A.M posto em “Eu era tão nova e, se lembra?” Sobre essa característica dialógica da autobiografia Arfuch afirma:

[...] Características que definem precisamente a especificidade, mesmo relativa, do autobiográfico, sua insistência e até sua necessidade: ao assumir o *eu* como forma de ancoragem na realidade, convoca-se e desdobra-se o jogo da responsividade. (2010, p. 124).

A autobiografia, nesse caso, esse poema promove um jogo de responsividade que é proporcionado por aquele questionamento o que implica que há um *tu*/outro interlocutor que dialoga com o eu lírico. Assim, como continuidade do poema há um trecho do ensaio que diz o seguinte:

Quando me casei com Alexandre Machado, assumo que não me casei por dinheiro, nem nunca o faria. Mas, o que me atraiu na escolha foi o fato de ele ser um profissional bem-sucedido. Nunca quis que ninguém me sustentasse, mesmo que a princípio isso tenha acontecido. Eu estava à procura era de alguém que somasse. (YOUNG, 2019, p. 42)

Na autobiografia há um compacto entre o escritor e o leitor, pois precisa haver verdade no tecido literário, assim Young assume nesse trecho o que se configura como verdade. Assim nas palavras de Arfuch:



[...] há relativo consenso em assinalar que ambas compartilham os mesmos procedimentos de ficcionalização, mas se distinguem, seja pela natureza dos fatos envolvidos – “verdadeiramente acontecidos” ou produtos de invenção –, seja pelo tratamento das fontes e do arquivo. (2010, p. 116-117)

Dessa maneira, estamos rastreando os eventos autobiográficos de Fernanda Young e relacionando com a poesia, é sabido que esses eventos foram ficcionalizados, mas ainda fica uma verdade, sobretudo quando percorremos o projeto literário da autora que está pautado na descrição/representação da mulher como a própria Young escreve:

[...] Eu, como artista, não tenho dúvida. Não me interessa desenhar homens nus. Não me atraí. É uma questão de proporções. A mulher é mais bela. Definitivamente é a espécie humana mais interessante. Inevitavelmente. Para qualquer artista, é inevitável. Para uma escritora, descrever uma mulher é muito mais interessante do que descrever um homem. A mulher é mais bonita, como tecnologia humana mesmo. E até isso se tornou uma reivindicação, um conflito, por parte das mulheres. (2019, p. 44)

As produções literárias contemporâneas têm como característica a hibridização dos gêneros, assim na poesia de Young há uma certa hibridização, em especial, no poema *São Paulo, 25/02/03*, pois pode ser considerado um relato pessoal e sem poesia, além disso, sua hibridização está relacionada à temática das produções, uma vez que suas obras estão em constante processo, pois nos permite questionar até que ponto é ficção e elementos ficcionalizados, nessa linha Salles assinala:

Não podemos deixar de mencionar as mais diversas publicações de cartas, como exemplos de obras que, ao oferecer documentos de processo, propiciam, dependendo do olhar do leitor, acesso aos processos de criação. [...] Estou mais

interessada, no momento, nos objetos que são, por natureza, processuais: obras que são formas que se transformam. Nesses casos, a obra é processo. (SALLES, 2015, p. 160-162).

Dessa maneira, observamos que o projeto estético literário de Fernanda Young está em constante processo, assim, poemas relatos, ensaios – autobiográficos, entrevistas que servem de rastros para compreender as obras e os relatos de si, como vemos no seguinte poema:

Estou por um triz. De novo.  
Parece, de fato, encenação.  
Creio até que seja mentira  
essa minha cara com esses  
olhos caídos. Aprendi tal  
olhar, lendo os poemas de  
alguns, ou são os remédios.  
Eu vinha crente que não mais  
precisava disso. Disso: caneta,  
papel, calmante e pijama.  
Dancei muitas músicas e ri  
de mim mesma. Aquela que  
se repete. Eu. Eu mesma:  
corpo e a cabeça cheia de  
cabelos.  
Meu cérebro está empapado,  
do tamanho de uma barata.  
Quando vou ao banheiro  
e olho-me no espelho.  
Quase acredito ser uma boa  
atriz.  
E tudo mentira!  
Um batom, um perfume e  
vestidos me levariam ao  
shopping. A um bar. A um beijo.  
O problema é que quero muitas  
coisas simples,  
então pareço exigente.  
(YOUNG, 2005)

Esse poema pode ser considerado a descrição perfeita da Fernanda Young posto em “Aprendi tal olhar, lendo os poemas de alguns, ou são os remédios” Fernanda sofreu de depressão e tomava remédios para isso “Tive uma crise nos primeiros meses do pós-parto,



que culminou num quadro grave depressivo” (YOUNG, 2019, p. 97). Além disso, vemos que o eu lírico está em constante dilema sobre o escrever, visto que “eu vinha crente que não mais precisava disso. Disso: caneta, papel, calmante pijama”. Esses elementos norteiam à escritora, pois o calmante para livrar-se da depressão que a deixa de pijama e a caneta e o papel proporciona a cura por meio do verbo. O verso final é aberto e nos possibilita pensar que esse “simples” pode ser o desejo de ser livre, como afirma: “E ainda criança detectei o que queria mais do que tudo: ser Livre. Livre de qualquer coisa que me tirasse de mim. E esse sonho se realizou.” (2019, p. 24-25). Assim, Arfuch escreve:

[...] a subjetividade que os relatos punham em jogo vinha em geral “atestada” pela admissão do “eu”, pela insistência nas “vidas reais”, pela autenticidade das histórias na voz de seus protagonistas. [...] pela veracidade que o testemunho impunha ao terreno escorregadio da ficção. (ARFUCH, 2010, p. 21)

Desse modo, a escrita de Young transita entre o autobiográfico e a ficção para compor o seu projeto estético literário, além disso, há uma relação ética na escrita autobiográfica, pois o processo de falar de si, a exposição passa por uma condição de verdade e, assim forma-se o pacto entre o escritor e o leitor.

## PALAVRAS FINAIS

As produções literárias contemporâneas que têm dão continuidade à estética da introspecção colocam o autor como centro da obra e do texto literário, sobretudo da autobiografia que tem como característica a ficcionalização da vida pelo próprio autor, uma escrita de si. Como explica Schollhammer:

Nessa renovada aposta na tática da autobiografia, dilui-se a dicotomia tradicional entre ficção e não ficção, e a ficcionalização do material vivido torna-se um recurso de

extração de uma certa verdade que o documentarismo não consegue lograr e que não reside numa nova objetividade do fato contingente, mas na maneira como o real é rendido pela escrita. (2009, p. 107)

Com a presença do autor nas redes sociais o autor se aproxima do público e vai deixando rastros de sua vida nas redes e o leitor vai percorrer esses rastros e assim dão sentido às obras. Nesse sentido, o projeto literário da Fernanda Young está em constante construção e reconstrução, pois os sentidos são adquiridos por meio da relação que fazemos.

Dessa maneira, o projeto literário de Young está ancorado na autobiografia, na escrita de si, vimos isso com os rastros que percorremos das obras de Fernanda Young, mas as entrevistas, os outros livros, as fotos, os desenhos, todas essas produções giram em torno de si enquanto mulher, poeta e feminista, ambas não se separam escreve-se com um todo e com o que se tem. Isso é constituir-se a narrativa de si, entrelaçada, enviesadas no ensaio e nos poemas.

## REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonnor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Trad. Rogério Bettoni. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

MORICONI, Italo. **A problemática do pós-modernismo na literatura brasileira** (Uma introdução ao debate). Disponível em: <http://filologia.org.br/abf/volume3/numero1/02.htm>. Acesso em: 22 de junho de 2020.



SALLES, Cecília Almeida. **Redes de Criação: construção da obra de arte**. 2ª ed. São Paulo: Editora Horizonte, 2015.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: o processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SISCAR, Marcos. **As desilusões da crítica de poesia**. Teresa, n. 10-11. p. 111-122, 3 dez. 2010.

YOUNG, Fernanda. **As dores do amor romântico**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

YOUNG, Fernanda. **Pós-F: para além do masculino e do feminino**. São Paulo: LeYa, 2019.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

LIRA, R. R. S. Rastros autobiográficos na poesia de Fernanda Young. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 2, p. 37-46, 2020.